

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

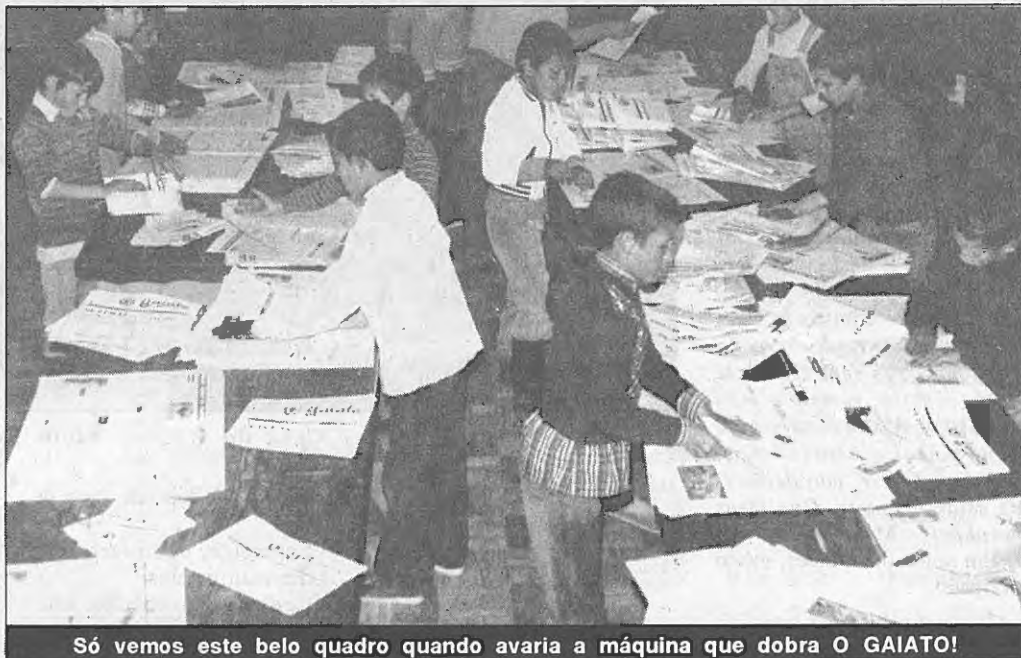
24 de Maio de 1997 • Ano LIV — N.º 1388
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 • FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Dia Mundial das Comunicações Sociais

Há trinta e um anos que as Comunicações Sociais têm o seu dia e foi escolhida a Solenidade da Assunção do Senhor para o realizar. Decerto porque depois de «todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, desde o princípio até ao dia em que foi elevado ao Céu; depois de ter dado, pelo Espírito Santo, as Suas instruções aos Apóstolos que escolhera» — os instituiu «Suas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e na Samaria e até aos confins da Terra». E «eles partiram a pregar por toda a parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando a Sua palavra com os milagres que a acompanhavam».

Os discípulos são enviados a «todo o mundo», a «toda a criatura». No princípio são eles, pessoalmente, os portadores do Evangelho. Mas logo escrevem para que fique memória da mensagem por onde passaram e chegue o conhecimento dela aonde não podem ir. Assim começa a Comunicação Social na Igreja, que os discipu-



Só vemos este belo quadro quando avaria a máquina que dobra O GAIATO!

los de todos os tempos hão-de continuar e desenvolver.

Boa-Nova é o tema genérico e universal do anúncio que Jesus confia aos que n'Ele crêem. Mesmo quando as notícias não são boas, vistas ou ouvidas com olhos e ouvidos de discípulo, à luz do Evangelho, sempre serão portadoras de lição e convertíveis em bem. Como seria saudável se assim fosse a filosofia dos comunicadores, preocupados em fazer de um mau acontecimento, de um comportamento errado, ocasião de juízos de valor e uma advertência que ajudasse a evitar

repetições! Infelizmente tal postura não é a mais corrente no mundo dos grandes media, ávidos de sensacionalismo, para os quais «o benefício comercial se considera, com frequência, como primeiro e autêntico valor». E João Paulo II, na sua mensagem para este 31.º Dia Mundial, acrescenta: «Verifica-se uma dificuldade cada vez maior de proteger os próprios olhos e ouvidos de imagens e sons que chegam através dos media, inesperadamente. Para os pais, é sempre mais complicado proteger os seus filhos de mensagens

Continua na página 4

Património dos Pobres

BARREDO

VOLTAMOS mais uma vez ao Barredo, ao saber do viver daquela gente. Queremos ser fiéis ao grande enamorado e apaixonado pelos que sofrem, Pai Américo, que deu e deixou escrito o seu testemunho:

«Desejo já informar os meus leitores que neste lugar a palavra Barredo significa a cintura de casebres que se estende à beira do rio desde os arcos de Miragaia ao monte do Seminário. É o esgoto da cidade.

Barredo — a palavra mais funda que hoje existe em Portugal. Aqui é terra de heróis, de mártires e de santos. O Barredo pertence a todos nós que o consentimos, que o toleramos, que o permitimos.»

Graças a Deus, e aos governantes, o Barredo apresenta agora outro rosto e outra estrutura, paredes com caras lavadas e muitas habitações, de entranhas renovadas, a gosto de toda a gente. Já dá gosto visitar e admirar o Barredo.

Continuam as obras de restauro, embora possam dar a impressão de que não andam. Só ao fim de muito tempo se nota serviço feito. É trabalho moroso e delicado. Ainda há muito para fazer! Saibamos esperar.

O aspecto geral é diferente. Há obras de arte e de acolhimento. Salas de recepção para encontros. Restaurantes apurados. Salas de diversões decentes. Residenciais com dignidade. Preocupação em manter as ruas limpas. Nestes aspectos o Barredo parece ter mudado de roupagem e de vida. Parecem os pontos mais positivos.

Atendemos também e demos conta de alguns aspectos que nos parecem negativos. Como deixou escrito Pai Américo, «o Barredo pertence a todos nós que o consentimos, que o toleramos, que o permitimos».

Continua na página 4

Duas espécies de ajuda

HÁ duas espécies de ajuda que esta Casa tem recebido. Uma, desde princípio, canalizada pelas Casas do Gaiato de Portugal, que têm sido nosso suporte em alimentação, remédios, roupa e calçado, para os já cento e trinta rapazes. O dinheiro vem através do Banco; o restante nos contentores que todos os anos nos enviam.

Não tenho falado, ou raramente, das ajudas directas, sobretudo dos nossos Amigos de Maputo e África do Sul. De modo geral chegam através da «Academia do Bacalhau», cujos compadres tomaram esta Casa por afilhada, logo que chegámos. No mês passado repassaram-nos alguns milhões de metcais que arrecadaram nos almoços. A Euracel tem-nos valido muito com Nestum para os bebés do Centro de Apoio e há dias veio um cheque de dez milhões.

Com a distribuição d'O GAIATO pela cidade esperamos um despertar para a mais valia das instituições



Vista geral da nossa Aldeia — construída de raiz.

Moçambique

que educam. As pessoas habituaram-se a dar ao garoto que anda na rua, por medo que estrague o carro ou simplesmente porque mete dó. É manifestamente muito pouco o que Moçambique nos dá. Já não falo do Governo que não tem, e estamos a pagar imposto de tudo o que vem de fora para as obras da nossa Casa.

O que disse um dia ao Ministro que foi tomar a nossa casa que hoje é escola da Polícia, nunca o poderia dizer, agora: — Vim para ajudar a resolver um problema da sociedade local e era aqui que arranjava o necessário. Bem sei que a minha confiança não está nos que hão-de dar, mas em quem pôs a cruz sobre os

meus ombros. «Esse nunca faltou nem pode faltar» — dizia Pai Américo — «porque se faltasse, vamos a rasgar os Evangelhos».

Há outra ajuda: em pessoas. Logo no primeiro ano veio um grupo simpático de jovens de Lisboa. Fizeram o que puderam, foram embora contentes e guardamos até hoje a amizade de alguns. Já

no ano seguinte apareceu outro grupo que não aceitámos. Mas aceitar ajudas que nos criam problemas, ao mesmo tempo, está acima da nossa capacidade. Que me perdoem estes e os vários que para esta Casa escreveram a oferecer o seu trabalho, a quem nunca dei resposta. Pode parecer ingratidão, injustiça até!, não aceitar. Parece-me apropriado que quando Cristo disse «muitos são os chamados mas poucos os escolhidos», sabia melhor que nós onde queria chegar.

Padre José Maria

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

OBRA URGENTE — No último domingo fomos dois vicentinos rever, no local, o que tínhamos combinado até ao pormenor.

Pelo aspecto, a pequenina casa de granito, lá no cimo do monte, tem mais de cem anos e a varanda de madeira apodrecida está quase a desabar! Aqui se acomodam os dois Pobres durante o dia, pois fica virada para sul e poente.

— Isto é um p'rito! Um dia, a gente fica pràqui debaixo disto tudo!

A velhinha repete, assim, outras queixas amargas do enteado que foi trabalhador num pequenino hospital, no Centro do País, e agora tem uma reformita que dá para a subsistência precária de ambos.

Vamos fazer obra segura: no terraço, onde encosta a escadaria de entrada, uma laje de betão. Outros arranjos mais, na estrutura, na parede norte, etc.

Pedimos orçamento a um vizinho que bem conhece a nossa missão e a miserável situação do casebre.

— Já tenho aqui o orçamento: são quinhentos contos, afirma o jovem empresário.

Para estímulo, os moradores darão o que puderem. Não importa quanto nem como. Importa, sim, que seja deles, para eles.

Entretanto, esperamos a generosa partilha dos Leitores: para areia, cimento, ferro, madeira, mão d'obra, etc. que ali vamos gastar e pagar ao empreiteiro.

PARTILHA — Assinante 32217, de Vancouver: «Pequena migalha (vinte dólares canadianos) para uma mãe, das ajudadas pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que será entregue no Dia da Mãe».

Dez mil, de «uma portuense qualquer, relativos aos meses de Maio e Junho, com um grande abraço para todos». Retribuímos na mesmíssima proporção.

Outra presença assídua — assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia),

também com dez mil: «Que o Senhor se compadeça de todas as vítimas da violência. E desperte, nos que procederam mal, arrependimento e mudança de vida». Sentimento cristão.

Outra mensalidade, oito mil e quinhentos escudos, agora a de Maio, da assinante 31254, de Fiães (Feira).

Mais cinco mil, todos os meses, para os Pobres «mais necessitados e mais envergonhados»; e por outros votos muito pessoais, anotando que «não precisam agradecer».

Fecha a procissão a assinante 31104, de Lisboa, que por aqui caminha há muitos anos, sempre com mensagem pessoal: «Mais tarde do que o costume, mas sem esquecer quem precisa, remeto o meu donativo. A saúde tem sido pouca. Daí o atraso. Mas, enquanto puder, não deixarei de estar presente. Que Deus me alumie». Muito bem!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Crónica do Lar do Porto

Às vezes, quando começávamos a pensar na vida, interrogávamo-nos acerca do modo de ser da nossa sociedade: — Porque existem pessoas que nem sequer têm um pão para comer e outras que tudo têm e não se interessam pelas que não possuem nada? Porque não existe uma justa repartição da riqueza?

Em determinados casos, as pessoas conhecem situações extremamente desagradáveis porque a sociedade não as deixou triunfar na vida ou porque lhes faltou uma pontinha de sorte.

Mas, existem também pessoas que se habituaram a receber ajuda de outras e acomodaram-se. Depois, se lhes falta essa ajuda, o resultado é quase sempre a miséria.

Devemos lutar pelo que queremos. Devemos ser fortes e persistentes, pois a vida, em determinados momentos, prega-nos uma rasteira. E lembremo-nos que «dos fracos não reza a história».

Daniel («Cenoura»)



Casa do Gaiato, Santo Antão do Tojal (Loures).

TOJAL

FESTAS — Continuam a correr bem. Com muita luz, cor, e, como não podia faltar, muitos espectáculos.

ESCOLA — Agora estamos num período que necessita de mais estudo, principalmente para os do Ensino Secundário que têm provas globais.

JARDINS — Continuam bonitos, devido ao esforço dos rapazes responsáveis pela sua manutenção.

OBRAS — Estão a construir o novo bar na antiga padaria que, certamente, ficará muito bonito.

FUTEBOL — Informamos mais uma vez: quem quiser competir connosco, nesta modalidade, contacte o Renato Ferreira pelo telefone 01-9749019.

Arnaldo Santos

PAÇO DE SOUSA

CASAMENTOS — No dia 5 de Abril, o Lando e a Sandra casaram em nossa Capela.

O Vítor Centeio também casou com a Luciana, em 4 de

Maio, no Mosteiro de Paço de Sousa.

Entretanto, estão marcados outros matrimónios.

Para os recém-casados, muitas felicidades e cumpram o que prometeram.

MÊS DE MARIA — O mês de Maio é o mês de Maria.

Em nossa Capela todos os dias rezamos os cinco mistérios do Terço até ao fim do mês.

Em todas as nossas Casas, ao fim da tarde, fazemos esta paragem para bem da nossa alma — e da nossa educação.

LAVOURA — Foi cortada a erva dos campos grandes mas a chuva tem-na prejudicado. Está a secar no meio dos campos. Será o alimento dos animais durante o ano.

Estão a fazer ramadas e bardos para as videiras nos campos da mata.

Rui

DESPORTO — No dia 25 de Abril participámos nas provas de corta-mato na vila de Paço de Sousa.

Não houve medalhas para nenhum gaiato. Mas, pelo menos, todos conseguiram acabar a prova.

Em 2 de Maio o nosso Grupo Desportivo defrontou o F. C. de Cadinha. Um encontro muito duro, por parte da equipa adversária. Perdemos por 6-1. Resultado injusto.

Depois do jogo, merendámos com os jogadores, dirigentes e amigos do F. C. Cadinha. Muito obrigado por tudo. Até ao próximo ano, se Deus quiser.

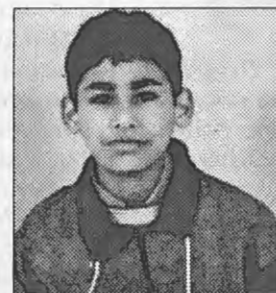
«Albufeira»

Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal

CONVITE — Um grupo de antigos gaiatos vai realizar um almoço de confraternização em Algeruz, no Restaurante Café Terminal, junto à Escola Primária, no dia um de Junho (domingo).

RETALHOS DE VIDA

Jorge Lai



Eu chamo-me Jorge dos Santos Lai. Nasci num hospital de Lisboa.

Quando tinha três anos estava na Capital e peguei fogo à casa com um papel no aquecedor e o meu irmão Nuno quase morria queimado! Depois, vim para o Casal da Charneca. E o meu pai separou-se da minha mãe. Eu não chorei.

Comecei então a frequentar a Escola e reprovei quatro anos.

Vim para a Casa do Gaiato com a terceira-classe e com treze anos de idade.

Gosto de estar aqui. Já cá estou há quase um ano. Frequento a quarta-classe.

Jorge

O encontro terá por objectivo a reunião de antigos gaiatos em espírito de camaradagem e numa vivência que se procura manter.

Se tencionas estar presente neste convívio entra em contacto com Américo Correia, telef. (065) 523054, ou com a Ourivesaria e Relojoaria Viegas, telef. (065) 39594.

Contamos com a tua participação e da tua família.

Américo Correia

MAIS UM — Recebemos mais um rapaz em nossa Casa. É o Daniel. Veio de Lisboa. Esperamos que goste do ambiente.

FESTAS — Os rapazes continuam a ensaiar as danças num bom ritmo. O mesmo não se pode dizer relativamente às peças. Mas, na hora, tudo há-de correr bem — se Deus quiser.

SR. ABÍLIO — O sr. Abílio, que nos serviu durante tantos anos, faleceu no dia 11 de Maio. Todos lamentamos a sua morte e esperamos que esteja com o nosso Deus.

ANIMAIS — Morreu uma cabra, mas os vitelos continuam a crescer a bom ritmo.

Ângelo

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Foram semeadas as batatas e o milho. Agora esperamos que cheguem ao estado adulto. O feijão está já muito crescido.

PENSAMENTO

Senhor, eu quero medir sempre pela Vossa medida. Quantas vezes me não deixo eu comer pelos espertos e ficar com a fama de anjinho, só para que me deixem fazer medida grande!

PAI AMÉRICO



Equipa de futebol da Casa do Gaiato de Maputo (Moçambique)

FESTAS

Miranda do Corvo

As nossas Festas são uma bela ocasião de revermos os nossos Amigos. Para além da mensagem e da diversão, parte do espectáculo, está no encontro de família. Este, sim, o mais importante.

Os Rapazes são no palco, propriamente, artistas, se bem que o talento não esteja afastado; mas é muito mais importante a reflexão que cada um graciosamente sugere ao espectador. Os bilhetes são mais um convite que um preço de entrada. A presença de cada um, uma participação activa e envolvente num encontro onde é muito mais o que se recebe do que aquilo que se reparte.

Eles, no palco; que vêm de um outro palco bem mais concreto: o palco da vida, no qual nem sempre houve grandes aplausos e, tantas vezes, sim, a indiferença e o desprezo.

No palco, eles e Pai Américo serão figuras dominantes envolvidas no mistério de um segredo que progressivamente se vai desvendando e se chama Casa do Gaiato, a família.

Ao retomarmos esta saudosa tradição das nossas Festas, interrompidas durante alguns anos, esperamos encontrar no coração de todos um acolhimento renovado e comprometido.

Bem sabemos quanto sacrifício custa levar por diante uma Festa destas, feita sem grandes recursos humanos — a não ser a boa vontade de alguns Amigos e dos nossos Rapazes que desde a primeira hora se disponibilizaram para o elenco.

Começamos pela nossa terra, Miranda do Corvo. Depois, Lousã. Um salto à Beira Baixa e estaremos um fim-de-semana na Covilhã, Fundão e Castelo Branco. Um pouco mais adiante, Anadia e Tomar. Finalmente, na nossa querida cidade de Coimbra. Contamos ver muitos Amigos. Também sabemos da saudade que muitos sentem de, tão somente, voltar a ver os meninos. Neste «ver» estará o maior brilho da Festa.

Padre João

24 de Maio — 21,30 h., Cine-Teatro, LOUSÃ.
Bilhetes: Estúdios Delfim Pereira.
6 de Junho — 21,30 h., Cine-Teatro, COVILHÃ.
7 de Junho — 21,30 h., Casino do FUNDÃO.
Bilhetes: Casa da Beira.

8 de Junho — 15,30 h., Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.
Bilhetes: Livraria Multimédia S. Miguel.
15 de Junho — 21,30 h., Salão dos Bombeiros, ANADIA.
Bilhetes: Café Anadia.
21 de Junho — 21,30 h., Salão dos Bombeiros, TOMAR.

Setúbal

Escrevo a 11 de Maio, domingo da Ascensão. É que, amanhã de manhã, o Júlio Mendes quer material para O GAIATO.

Quinta do Anjo foi a nossa estreia. Apesar da saída, em passeio, para o estrangeiro, de muitos dos nossos Amigos e admiradores, a casa esteve quase esgotada e os Rapazes esforçaram-se por estarem à altura das suas responsabilidades.

Em Palmela fomos recebidos pela Sociedade Filarmónica «os Loureiros» na sua nova e moderna sala de espectáculos e brindados com um carinho muito especial. Alguns dos sócios encarregaram-se de vender os bilhetes, oferecendo-se alegremente para esta tarefa, a qual cumpriram inteiramente, poupando-nos mais este esforço. Com escassa propaganda em Setúbal, o Fórum Luísa Todi encheu-se completamente e a Festa trouxe, de novo, surpresa e alegria a quantos nela participaram.

Encoraja o espanto das pessoas: — *Os Rapazes parecem gente fina!* Eu só acrescentei: — Não parecem. São mesmo. Todos são pessoas de preciosa linhagem, sem excepção, na totalidade, Filhos de Deus!...

Quem vive esta aristocracia e a revela no aspecto e na mensagem, forçosamente provoca o assombro!... «*Os Rapazes parecem gente fina!*»

— *O espectáculo tem muita frescura* — dizia-me um senhor com mais de 60 anos cuja actividade profissional é representar. — *Vós viveis a vida. A vossa Obra tem muita vida.*

Só emendei: — *Tem Vida. Jesus é a nossa Vida!*
— *A Festa revela ingenuidade, o que não se vê noutros espectáculos,* dizia-me o actor, de olhos arregalados.
— *É o que temos em maior abundância* — respondi-lhe.

Toda a Obra é ingenuidade. Se não como se explicava? Seguir um Mestre que foi crucificado, que é senão ingenuidade? O mundo segura-se, calcula em tudo o que diz e faz. O Evangelho é aventura infantil.

Padre Acílio

25 de Maio — 16 h., Salão Paroquial, MONTIJO.
31 de Maio — 21,30 h., Teatro Aveirense, AVEIRO.
6 de Junho — 21,30 h., Sociedade Capricho Moitense, MOITA.
7 de Junho — 21,30 h., Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.
9 de Junho — 21,30 h., Sociedade do Grupo Popular Recreativo Cabanense, CABANAS.
21 de Junho — 15,30 e 21,30 h., Teatro Gil Vicente, CASCAIS.
28 de Junho — 21,30 h., Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

Tojal

24 de Maio — Sábado, 15,30 h., Cine-Teatro de LOURES.
29 de Maio — Corpo de Deus — Quinta-Feira, 15,30 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de AZAMBUJA.
1 de Junho — Domingo — 15,30 h., Auditório da Igreja de RIO DE MOURO (Sintra).
8 de Junho — Domingo — 15,30 h., Cine 359, LOURINHÃ.
10 de Junho — Terça-feira — Feriado — 21 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de FANHÕES.
15 de Junho — Domingo — Salão Polivalente de ODIVELAS (junto à Cruz Vermelha).

BENGUELA

Formação profissional e mercado do trabalho

HÁ notas discordantes na nossa Comunidade. É da natureza que assim seja. Quando acontecem, tomamo-las como provações e não por desengano. As crianças que vêm cair em nossas mãos trazem a marca da sociedade que as gerou. Que anda por caminhos muito tortos. E que tem muita força para o mal. Numa Casa de Porta Aberta, como a Casa do Gaiato, não é de estranhar que o ambiente social, em que a maioria dos Rapazes nasceram e cresceram, continue a fazer pressão sobre eles. Daí, o cuidado e atenção permanentes como forma de os ajudar a resistir à tentação do roubo, da mentira, da fuga às suas obrigações.

Estamos a chegar à porta duma hora difícil da nossa vida. À medida que os Rapazes vão crescendo, aumenta a necessidade de os colocar na vida, no mundo do trabalho, como ponto de apoio necessário para a sua integração definitiva na vida social. Numa hora em que os problemas sociais mais urgentes e mais importantes são: Desemprego, salários sem significado, roubos, fome, falta de cuidados de saúde e de habitação condigna; numa hora assim caracterizada, não sei bem como encontrar saída para o problema que tenho à vista. Sofrer, sim, mas não desanimar, que a porta abra-se-á. Estamos a tentar um ou outro curso de Formação Profissional para alguns, a fim de se prepararem melhor para o exíguo mercado do trabalho. Esta é, na verdade, a hora da curva da mudança. A mais crítica na vida duma pessoa, em particular na fase sensível

da formação. É o que acontece com as crianças, adolescentes e jovens.

A nossa vida é Escola para o futuro dos Rapazes

O ano lectivo, à hora em que escrevo estas notas, está paralisado. Continuamos a mobilizar os nossos recursos para que os Rapazes mantenham o contacto com os livros. A tentação da vida «fácil», em que muitas crianças e jovens caem, é uma porta de saída normal, nestes dias longos de férias forçadas. Os grupos aumentam a fazer negócio pelas ruas. Em nossa Casa, vão-se ocupando em actividades úteis e saudáveis, a pedir também muita criatividade da parte de quem os acompanha de perto. E a pedir, também, muita paciência. A nossa vida é uma Escola para a vida futura dos Rapazes. Fiquei encantado, outro dia, quando entrei em casa, vindo de fora, e dei com um dos grupos sentados à roda, com o chefe, no meio, a conversar com os seus meninos, um pouco mais novos do que ele. Era um momento de descanso, na lufa-lufa da ocupação, que nos dá alegria e paz. Vai-se o medo de que estes filhos venham a perder-se...

Queremos que Angola veja com seus olhos como é possível aproveitar a verdadeira riqueza, escondida nos seus filhos perdidos pelas ruas. Neles está o nervo da Nação se, a tempo e horas, a Nação os amar. De contrário, será a desgraça.

Mais uma provação difícil

Este ano não choveu. O rio que faz a riqueza do vale onde estamos e que alimenta as fontes de abastecimento de água à cidade de Benguela não viu água, este ano. O nível do lençol freático baixou de tal modo que há o risco de infiltração da água do mar. Já há sinais efectivos. É mais uma provação difícil por que passa esta gente. Também estamos no meio deste povo.

Acreditamos na paz. Esperamos. A nossa gratidão para todos os que nos acompanham.

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

Frutos de tudo o que se tem semeado

NOS últimos tempos temos sido surpreendidos por uma série de acontecimentos violentos realizados em meios que lembram sub-mundos, quer se trate de crimes de entradas em estabelecimentos de vida nocturna, quer de violações ou agressões em bairros periféricos de Lisboa, em pleno dia ou durante a noite. Os factos estão aí. Não vamos entrar nas análises do se se está ou não a aumentar a criminalidade. Qualquer agressão contra a vida humana é sempre um crime lamentável. Gostaria era de saber se o que está a acontecer não serão os frutos de tudo o que se tem semeado em nome da liberdade ou da democracia ou mesmo do chamado direito à diferença.

Quando as nossas televisões, a horas normais de estar a família reunida, atiram para a nossa frente filmes com todos os ingredientes da violência e do sexo, que esperamos recolher? Podem-me dizer que a televisão tem um botão para fechar. O que acontece é que nem sempre existe alguém por perto capaz de utilizar correctamente o botão, ou de espreitar o perigo, ou depois de conversar com os jovens que foram agredidos por esses filmes. Todos sabemos da infinidade

de tempo que, hoje, muitos jovens passam sozinhos diante da televisão e do vídeo.

Se olharmos os filmes de violência, sabemos como a vida humana aí é desprezada, mesmo em filmes com exércitos oficiais. Não há relação nenhuma entre as mortes e os objectivos. Uma grande parte das vezes depende dos bons humores do «justiceiro», para já não falar dos «maus da fita». O mesmo se diga do sexo que aparece nesses filmes onde não há nem amor nem prazer, tudo é enfiado pela cabeça de jovens e adolescentes que ficam à espreita da oportunidade para darem livre curso às suas fantasias.

No entanto, gostaria de chamar a atenção para alguns outros aspectos que têm também a ver com a violência instalada. Por exemplo, os bairros de lata, onde a violência e o confronto com a sociedade da

grande abundância leva ao nascimento do ódio e do inconsciente desejo de vingança.

Também as exclusões sociais como é a segregação. Quanta violência anunciam esses movimentos segregacionistas, quer sejam ligados aos ciganos, quer sejam com os negros em fundo, quando não são apenas ideias religiosas ou credos políticos...

São também as exclusões escolares. Muito se grita sobre o ensino superior. Os estudantes do ensino superior têm muito poder, atendendo ao espaço que ocupam nos meios de comunicação social para fazer valer as suas reivindicações, até metem greves. Que dizer do ensino básico, onde ninguém tem poder para gritar, mas onde milhares de crianças e jovens são desterrados para áreas fora do normal desenvolvimento social?

Padre Manuel Cristóvão

Carta

Zangada com a vida, fechei os olhos ao mundo, esvaziei o coração. Passou o Natal... e a Páscoa!

Hoje, como tantas vezes, ao ler O GAIATO, o meu egoísmo não foi o mais forte. Graças a Deus.

Se Ele estiver comigo, nada de mal me pode acontecer; mas tenho medo dos medos do amanhã.

Peçam ao bom Jesus pelo assinante 1997. Já foi menino. É homem feito, mas anda em busca de Luz, perdido na escuridão.

Uma mãe com o coração vazio, cheio de ternura pela vossa Obra.

Uma assinante

Dia Mundial das Comunicações Sociais

Continuação da página 1

menos boas e garantir que a sua educação para as relações humanas, bem como a sua aprendizagem acerca do mundo, se realizem de um modo adequado à sua idade e sensibilidade e ao desenvolvimento do sentido do bem e do mal. A opinião pública vê-se perturbada

pela facilidade com que as mais avançadas tecnologias da comunicação podem ser exploradas por aqueles que têm más intenções.

Quem não vê retratadas, nesta constatação do Papa, tantas situações que todos os dias agredem a dignidade do homem, com consequências funestas para a instituição familiar, para a juventude e até para «as crianças muito pequeninas»? E pergunta: «Que caminhos indicam os mass-media? Qual a verdade que propõem? Que vida oferecem?» E «isto — continua — diz respeito não só aos cristãos, mas a todas as pessoas de boa vontade»!

Dal' o tema para este Dia Mundial — «Comunicar Jesus Cristo: Caminho, Verdade e Vida» — «no objetivo fundamental do Jubileu para o 2000.º aniversário do nascimento do Salvador: o fortalecimento da fé e do testemunho dos cristãos».

E com este «fortalecimento», comunicar não fosse mais sementeira de ideias e de sentimentos ruins, mas o verbo da comunhão entre os homens.

Padre Carlos

Lançamento do livro «Cantinho dos Rapazes»

CHEGARAM requisições, pedindo a obra em título, vindas de professores, de escolas, de famílias, etc.

A segunda edição do *Cantinho dos Rapazes* é muito actual. Um precioso fruto do magistério de Pai Américo. No seu contexto, e no seu estilo peculiar, comenta e ajuiza, na obra, alguns casos concretos de jovens.

Por necessidade, nos últimos anos ele ditava as notas para os *linguados* a um de nós, com pontuação e tudo! Isto impressionava, pelo ineditismo; por não ser comum a jornalistas e escritores que burlam os trabalhos até ao fim. No entanto, a sua vasta obra literária espera, ainda, quem a estude — à luz do saber.

Em notas de encomenda tem havido curiosamente quem atenda de bom grado a sugestão que indicámos n'O GAIATO: uso do fax 055-753799. Temos alguns exemplos.

Escola C+S Francisco Arruda, de Lisboa:

«Somos três assinantes do vosso Jornal e gostaríamos de receber o *Cantinho dos Rapazes*.»

Outro, da assinante 67200, também da Capital:

«N'O GAIATO li o artigo sobre a reedição do livro *Cantinho dos Rapazes*, da autoria do Padre Américo. Por esta via, o fax, solicito dois exemplares. Muito obrigada pelo vosso trabalho.»

Hão-de vir mais, por todos os meios de comunicação, pedir esta jóia literária que Pai Américo redigiu para os jovens portugueses.

Júlio Mendes

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Passando pelas ruas mais escuras e pelos becos mais escondidos topamos habitações degradadas, sem condições de vida humana. Os seus habitantes esperam ansiosos o dia em que possam ter uma casinha decente. Para eles todos os dias são de esperança.

Quem passa percebe certo ambiente de prostituição. Há filhos e filhas sem saberem quem é o seu pai.

Na vida das pessoas originárias dali, pouca alteração se nota. A habitação, com muitas carências, pouco ou nada consegue ajudar. Geralmente os idosos sentem-se abandonados. Prepararam um Centro de Acolhimento de Dia, mas não se sentem lá bem pelo luxo exterior que apresenta e pela falta de simplicidade que caracteriza o interior. Não se sabem servir daquele bem.

Há crianças abandonadas, na rua. As Casas do Gaiato e outras instituições têm aberto as portas para as acolher.

Há doentes entregues a si mesmos. Alguns, nos tugúrios, esquecidos de toda a gente! Se tinham filhos ou familiares, ausentaram-se e nunca mais deram sinal de vida. Doentes abandonados que se sentem sós, no mundo. Um mundo de tristeza!

A tabernas continuam grandes centros de matar o tempo. Sempre ocupadas: Clientes, copos de vinho e jogo nas mesas.

Um grande número de adolescentes e jovens dão a impressão de que a Escola nada lhes diz. Faltam às aulas frequentemente. As Escolas também não estão muito à mão, distantes e estranhas.

Aponta-se que o pior mal do Barredo é ser um centro de droga. O uso dela está espalhado por toda a parte. Já não se procuram esconderijos. A vergonha e a privacidade parecem ter desaparecido. Os centros deste negócio não têm conta. Muitos cabarés. Muitos bares atraentes. Muitas discotecas. A vida, especialmente para os jovens, passou a ser vida nocturna. Um grande mal do nosso tempo.

Há carência de espaços verdes e acolhedores. Não há muitos lugares livres onde as crianças possam brincar. Faltam lugares ao sol.

Um cicerone experiente daquela vida, acompanhou-nos na visita e chegámos ao fim do dia fatigados do que vimos e ouvimos, esperançados de que a vida, no Barredo, continue a melhorar e todo o bairro dignifique a honrosa distinção mundial com que a Cidade foi galardoada.

Padre Horácio

DOUTRINA



Eu vim para servir.

A crónica de hoje vai levar ao teu conhecimento a primeira notícia das Colónias de campo, agora em plena actividade, instaladas na Casa do Gaiato. Este ano, porém, regista-se um importante melhoramento, qual é o de conservar o garoto da Colónia perfeitamente separado da Casa do Gaiato. Isto foi possível com a compra de um prédio contíguo à residência, adequado actualmente a este fim.

NUNCA se juntam nem conversam.

No terreiro interior, comum às duas casas, fez-se um risco no chão que ninguém transpõe — a força moral a dominar. O pequenino habitante da Casa do Gaiato não estranha que o colono saia para o rio e para os pinhais nas horas e condições regulamentares, e ele fique a trabalhar; não estranha nem pede para ir também. Ele tem as ocupações da quinta maior da limpeza da Casa, agora muito volumosas com a presença dos estagiários. É ele, o mesmo gaiato da idade e da índole do colono, quem serve à mesa e lhe arruma as camaratas na sua ausência; e fá-lo alegremente, sem queixumes nem protestos. Serve o seu semelhante. Aos domingos juntam-se, confraternizam, brincam; e logo vem a segunda-feira com a faina disciplinada entre serventes e servidos. Começa a linha dos trabalhos, cada um no seu posto. Tu vais chamar crueldade a isto de obrigar o garoto que está, a servir o garoto que chega — mas não. É educar.

SE o mundo compreendesse bem qual e quanta nobreza há na missão de servir, não haveria seguramente o egoísmo brutal que por aí campeia, onde os maiores procuram assentar praça e tu és, possivelmente, um soldado de primeira linha! Não. Não chames crueldade à lição; se nós a damos agora, é, precisamente, para que o petiz de hoje não venha a ser amanhã um homem cruelmente egoísta!

O pequenino residente, servindo assim o seu semelhante, não é de maneira nenhuma um criado de ser-

vir. Não há servilismo; há nobreza e generosidade. É a escola de perfeição infantil, aquela idade em que as impressões justamente se fixam para ficar. À noite, na maré dos avisos, chega a hora de realçar o facto na presença dos pequeninos servidos para que eles amem os seus criaditos e aprendam a servir por amor:

— Tu sabes quem vos limpou as camaratas?

— Sabemos, sim senhor.

— E farias tu o mesmo aos outros, se fosse preciso?

— Sim senhor.

ANDAMOS actualmente ocupados com as batatas; os garotos semearam vinte arrobas delas e agora colhem. Os maiores tiram-nas; os restantes apanham e conduzem ao celeiro. As discussões e as refregas são de todo o momento, por falta de quem arbitre. Ele é verdade que o Freitas, por ser o mais velho, tem-se na conta de homem da Casa, mas nem todos lhe obedecem; e até um poveiro, chegado há dias, deu-lhe uma valente sova no campo das batatas. Este poveiro é o Camilo, forte e decidido como as ondas do mar. Era camarada, na Póvoa de Varzim, de um vadio promotor, como indica a alcunha — o «Lampeão». O rapaz já me deu, em confiança, a notícia das ladroerias e da maneira como as faziam. O «Lampeão» não veio, que a mãe não o dispensa. Ai, que se eu pudesse obrigar a dita mãe salvar o filho!

POIS bem, o nosso garoto, ontem larápio e hoje em vias de cura, malhou com o Freitas em terra e mergulharam os dois numa seara de milho onde deixaram rastros de ciclone. Quando cheguei, arfavam no chão! Chamei-os à paz: deram-se as mãos, afirmaram que nunca mais e continuaram na safra das batatas. São assim os gaiatos.

A nossa vaca está segurando dez litros de leite nas 24 horas! Considero-me o homem mais feliz de Portugal, só porque posso encher púcaros de leite quente e colocá-los sobre a mesa de jantar à espera dos garotos. Todos gostam; alguns repetem. Fica tão bem o leite na boca destes Inocentes! Mais do que o rouge na tua!

P. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

A vista do Barredo é bonita!

